

— Será possível que eles só pensam em matar uns aos outros? — pergunta Roberto. Normalmente ele não diria nada tão ríspido.

O caminhão, com os quatro funcionários da ajuda humanitária e dois dos seqüestradores na carroceria, estava parado havia uma hora ou mais. Carros incendiados bloqueavam a rua à frente, mas devia ser possível dar a volta e flanqueá-los, dirigindo por caminhos ladeados por barracos pequenos e frágeis.

— O que estamos esperando? Por que eles não passam por cima dessa gente?

A pronúncia do inglês de Roberto em geral é perfeita, mas agora, pela primeira vez, era possível perceber que ele era italiano. Respira com dificuldade. O suor escorre por seu rosto e pelos cantos da boca.

A favela os cerca. Tem o cheiro e a aparência de um curral imundo. O carro está parado numa superfície lamacenta, ainda sulcada com os rastros deixados com as últimas chuvas, agora ressecados e endurecidos como cerâmica pelo sol. Os núbios haviam construído seus barracos marrom-acinzentados a partir de uma estrutura de galhos quebrados, cobertos de esterco de boi. Aglomerados densos de choças espalhavam-se pela planície poeirenta.

Roberto, o chefe imediato de Iben, olha os companheiros reféns.

— Por que eles não podem pelo menos estacionar na sombra? — Ele fica em silêncio e ergue a mão bem lentamente, até a borda inferior dos óculos de sol.

Um dos seqüestradores vira a cabeça, deixando de observar os moradores para olhar Roberto, e sacode a *panga*, uma faca africana, de lâmina afiada, com cerca de meio metro. É o suficiente para que Roberto baixe o braço com a mesma lentidão estudada.

Iben suspira. Gotas de suor se demoram em suas orelhas, e tudo parece abafado, meio como o zumbido de um ventilador.

O lixo, principalmente restos verdes misturados com excremento humano, empilha-se junto à parede de um barraco de esterco próximo. O monte íngreme de um metro desprende o fedor inconfundível da existência miserável.

O mais jovem dos seqüestradores invoca o Sagrado Nome de Jesus.

— Ah, glorioso Nome de Jesus, gracioso Nome, Nome de amor e poder! Através de Ti os pecados são perdoados, os inimigos são derrotados, os doentes...

Iben olha para ele. É bastante diferente dos soldados muito jovens sobre quem escrevia quando ainda estava em casa, em Copenhague. É fácil ver que ele é novo em tudo isso e cede sob pressão. Até agora, estava bastante drogado, mas o efeito está passando, e o pavor o dilacera. Ele fica parado ali, os olhos fixos no mar de gente que cerca o carro a curta distância; uma turba que se torna maior e mais bem armada a cada minuto que passa.

Lágrimas escorrem pelo rosto do rapaz. Ele agarra a metralhadora preta e arranhada com uma das mãos enquanto com a outra afaga o crucifixo numa corrente no pescoço, por fora da camiseta vermelha e azul “I love Hong Kong”.

O rapaz deve ter sido membro de uma igreja de língua inglesa, porque deixou de usar o *dholuo* nativo e balbucia, em inglês, orações e longas citações da Bíblia, em um tom solene, como se estivesse lendo a missa em latim:

— Certamente a bondade e a misericórdia me seguirão por toda a minha vida. E habitarei na casa do Senhor até o fim dos meus dias...

É outono em Copenhague, mas, além da mudança das estações, tudo permaneceu igual. As casas das pessoas parecem as mesmas de sempre. Os amigos de Iben usam as roupas de sempre e falam das mesmas coisas.